



SAÚDE

Brasil entra em alerta contra a chikungunya

Casos no Centro-Oeste, até agosto, superam todo o ano anterior; especialistas apontam como fatores de contribuição mudanças climáticas e falhas no controle do vetor. Eles defendem o uso de novas tecnologias

» RAFAELA BOMFIM*

Aceendeu a luz amarela no Brasil, após o alerta global da Organização Mundial da Saúde (OMS), para o aumento acelerado dos casos de chikungunya em 2025, com risco de uma nova epidemia. De acordo com o Painel de Monitoramento das Arboviroses, do Ministério da Saúde, em 2025, até 29 de agosto (semana epidemiológica 35), foram notificados 119.923 casos prováveis, com 110 óbitos confirmados e 70 em investigação.

Apesar de representar redução de cerca de 55% em comparação ao mesmo período de 2024, o volume ainda é expressivo e mantém o alerta para circulação intensa do vírus. O coeficiente de incidência no período foi de 56,4 casos por 100 mil habitantes. Segundo os especialistas, os dados permanecem preocupantes. O receio é que os números se aproximem daqueles observados em 2024, quando se confirmaram 267.352 e 161 mortos — incidência de 125,1 casos por 100 mil habitantes.

No final de julho, a OMS comunicou que os sinais atuais, no mundo, são semelhantes aos observados antes de grandes surtos registrados há duas décadas. Os especialistas citam como exemplo a baixa imunidade coletiva em diversas regiões e a expansão do mosquito transmissor para áreas em que antes não havia circulação. A transmissão ocorre pela picada das fêmeas infectadas do *Aedes aegypti* e do *Aedes albopictus* — conhecido como mosquito-tigre, que, segundo a OMS, tem sido encontrado com frequência no norte do planeta por causa do aquecimento global. A única alternativa, segundo os pesquisadores, é a adoção de medidas emergenciais e estratégicas, visando o médio e o longo prazo.

César Omar, doutor em medicina tropical e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), explica que a adaptação do vetor contribui para a expansão da doença. “Os *Aedes*, principalmente o *Aedes aegypti* no Brasil, estão chegando a áreas onde não existiam. Eles se adaptaram. Antes precisavam de água limpa e sombra. Hoje podem se reproduzir em águas não totalmente limpas e locais ensolarados. Além disso, os ovos resistem por meses”, afirma.

Para o especialista, é urgente a tomada de medidas que visam controlar os impactos das mudanças climáticas em curso no planeta. “A combinação de calor e chuva favorece a proliferação. Com o aquecimento global e cidades muito povoadas, a densidade de mosquitos cresce. Um único caso importado pode gerar milhares de infectados se houver vetor disponível”, reforça Omar.

Além das condições ambientais, a ausência de imunidade populacional amplia o risco. André Siqueira, pesquisador da Fiocruz e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, ressalta: “Grande parte da população mundial nunca teve contato com o vírus. Quando ele entra em uma área com mosquito disponível, a taxa de ataque é alta. O resultado são surtos rápidos e amplos”.

Alerta

No Brasil, pelos dados do Ministério da Saúde, a maior concentração de casos em 2025 está no Centro-Oeste, com mais de 64 mil casos, do total de 119.923. Os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são os mais alarmantes, o que levou ao reforço de ações de

combate ao mosquito transmissor da doença.

Com a resistência do *Aedes aegypti* a inseticidas, as medidas de controle continuam centradas na eliminação de criadouros, manutenção de caixas d’água tampadas e descarte correto de materiais que acumulam água, como pneus e garrafas. A OMS orienta ainda proteção individual, com roupas compridas, repelentes e mosquiteiros, principalmente no início da manhã e no final da tarde, quando o mosquito é mais ativo.

Para Siqueira, a prevenção continua sendo fundamental. “O combate ao mosquito ainda depende da eliminação de criadouros. O *Aedes aegypti* é resistente aos inseticidas. Enquanto tecnologias, como a Wolbachia não alcançam cobertura ampla, é preciso manter campanhas para evitar água parada”, destaca.

Combate no Brasil

Diante da explosão de casos no ano passado, o Ministério da Saúde lançou, em setembro de 2024, ainda sob a gestão de Nísia Trindade, o Plano de Ação para reduzir o impacto de arboviroses, como a chikungunya, com foco na integração entre estados e municípios e adoção de medidas preventivas antes do pico de transmissão no ciclo sazonal 2024/2025.

Com a escalada dos casos, novas tecnologias surgem como aliadas no controle do vetor. Uma das principais é o *Aedes* do Bem, desenvolvido pela Oxitec, que utiliza mosquitos machos geneticamente modificados para reduzir a população do transmissor. Para os especialistas, as alternativas de combate à expansão da contaminação passam por vigilância contínua, pelo diagnóstico rápido e pela integração entre prevenção, inovação tecnológica e participação da população para evitar que a chikungunya se torne uma epidemia maior nos próximos meses.

Paralelamente, a Oxitec atua na ação direta para reduzir a população dos mosquitos transmissores da doença. “Os mosquitos liberados não picam e, ao acasalar com fêmeas locais, passam uma característica que impede a sobrevivência das descendentes fêmeas, responsáveis pela transmissão”, explica Natália Verza Ferreira, doutora em genética e diretora da Oxitec no Brasil.

A pesquisadora reforça a simplicidade da tecnologia: “Quando usamos o *Aedes* do Bem, basta adicionar água. Não é necessário equipamento especial ou nebulização. Isso permite que municípios com pouca estrutura adotem a solução”.

Outra estratégia é a introdução da bactéria *Wolbachia* nos mosquitos, que reduz sua capacidade de transmitir arboviroses. Em um projeto-piloto realizado em Niterói (RJ), em 2020, áreas onde a bactéria se estabeleceu registraram 56% menos casos de chikungunya em comparação com regiões sem intervenção.

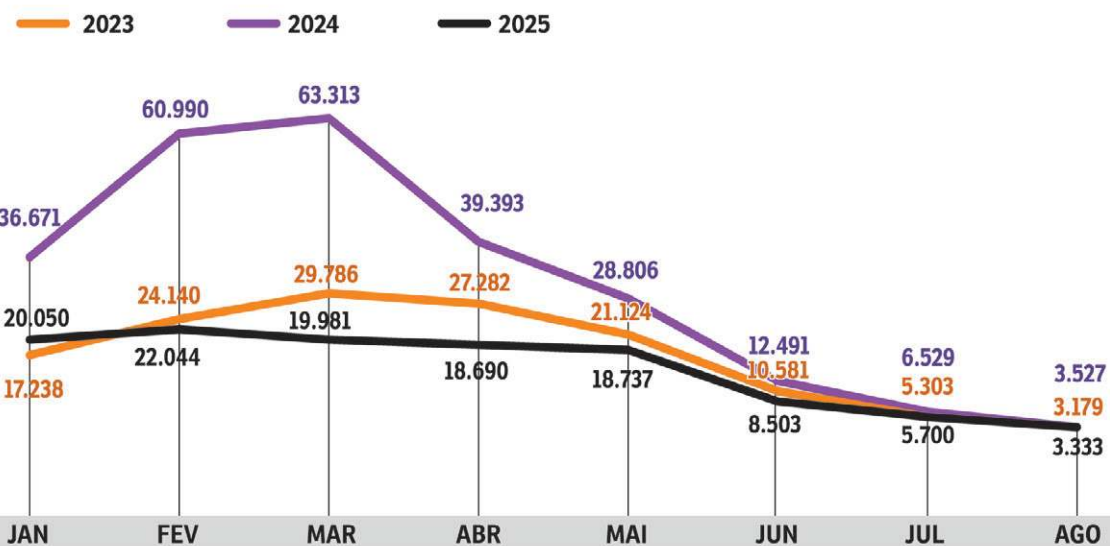
Para César Omar, doutor em Medicina Tropical e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), é fundamental a corrida contra o tempo. “É importante acelerar processos de aprovação e implementação de novas tecnologias. Elas já mostraram resultados positivos e podem complementar as ações tradicionais, como eliminação de criadouros”.

Prevenção

A chikungunya causa febre alta, dores articulares intensas, manchas

Em recuperação

Após a explosão de casos em 2024, o Brasil tem apresentado melhora no quadro de infecções por chikungunya. Veja a comparação de registros de 2023 a 2025 (até 29 de agosto).



*Dados referentes a 2025 computados até 19 de agosto

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

A Região Centro-Oeste concentra mais da metade dos casos registrados em 2025. A situação mais crítica é no Mato Grosso. O coeficiente de incidência é medido por grupo de 100 mil habitantes.

UNIDADE FEDERADA	COEFICIENTE DE INCIDÊNCIA	CASOS PROVÁVEIS
Mato Grosso	1271,3	48.771
Mato Grosso do Sul	469,9	13.637
Rondônia	295,3	5.157
Minas Gerais	80,5	17.155
Rio Grande do Norte	63,8	2.197
Paraná	60,7	7.177
Alagoas	59,0	1.900
Espírito Santo	53,2	2.181
Tocantins	29,8	470
Goiás	27,0	1.987
Pernambuco	21,4	2.039
São Paulo	18,6	8.536
Acre	16,2	143
Piauí	15,5	523
Bahia	13,7	2.033
Paraíba	12,3	510
Santa Catarina	10,4	837
Rio de Janeiro	9,9	1.702
Ceará	9,4	865
Maranhão	7,0	490
Pará	6,7	583
Distrito Federal	6,1	182
Roraima	5,9	42
Amapá	5,0	40
Rio Grande do Sul	4,7	529
Sergipe	3,9	90
Amazonas	3,4	144

Fonte: Ministério da Saúde



Com o aquecimento global e cidades muito povoadas, a densidade de mosquitos cresce”

César Omar, doutor em medicina tropical

vermelhas na pele e coceira. De acordo com o Ministério da Saúde, as dores podem persistir por meses, impactando a qualidade de vida do paciente. A doença ameaça, sobretudo, idosos e pacientes com comorbidades — hipertensão, diabetes, sobrepeso, cardiopatas, entre outros — que apresentam maior risco de complicações graves.

Apesar de existir uma vacina, aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a

imunização ainda não está disponível de forma ampla. “Na Europa, essa vacina foi suspensa para pessoas acima de 60 anos por eventos adversos. Isso é um problema porque os idosos são justamente os mais suscetíveis a formas graves”, afirma César Omar. Os especialistas lembram que a prevenção permanece sendo a melhor orientação.

*Estagiária sob a supervisão de Edla Lula

PRISIONEIRO VIP

Hytalo Santos tentou fugir com marido

A Polícia Civil da Paraíba apontou que o influenciador Hytalo Santos e seu marido, Israel Vicente, iniciaram um plano de fuga logo após as denúncias feitas pelo youtuber Felca, publicadas em 6 de agosto. O casal deixou o Nordeste dois dias depois e foi preso em 15 de agosto, em uma casa alugada em Carapicuíba, na Região Metropolitana de São Paulo.

Hytalo e Israel foram transferidos para João Pessoa no dia 28. Estão detidos na Penitenciária Desembargador Flôsculo da Nóbrega, o presídio do Roger, em ala destinada a pessoas LGBTQIA+. Durante a audiência de custódia, a defesa do casal solicitou a transferência de ambos para a Penitenciária de Tremembé, no interior de São Paulo, conhecida como “presídio dos famosos”. O argumento foi de que eles têm familiares em São Vicente, na Baixada Santista, e que a unidade ofereceria maior segurança para um casal LGBTQIA+. O juiz, porém, negou o pedido.

Em entrevista coletiva, o delegado Carlos Othon contou como se deu a fuga para São Paulo. Ele citou que imagens obtidas pela investigação mostram Israel em um posto de combustíveis durante a viagem por terra. Hytalo embarcou em um voo a partir do Recife na madrugada do dia 8. A Justiça decretou a prisão dos dois no dia 13.

De acordo com delegado, o comportamento do casal indicava uma fuga em andamento. “Quando foi expedido o mandado de busca, aqui em João Pessoa, foi possível perceber que os moradores tinham saído poucos minutos antes da ação, uma vez que alguns eletrônicos e eletrodomésticos estavam ainda em funcionamento”, afirmou. “Tiraram as coisas às pressas da casa. Isso já foi um primeiro fato que emitiu um alerta de que ele podia estar em fuga.”

A investigação passou então a ser conduzida com apoio do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), em São Paulo. Segundo o delegado, tratou-se de um processo de reconstrução detalhada: “Em seguida, iniciou-se um verdadeiro quebra-cabeças, no sentido de identificar onde eles estavam, já que não estavam nesses endereços que se conheciam.”

Hytalo foi localizado a partir de registros de voo. “Foi possível perceber que o Hytalo tinha embarcado na madrugada do dia 8, por volta das três horas da manhã, de Recife. Pegando o voo Recife-Guarulhos, com uma série de pessoas, mas não estava entre elas o Israel, que é o esposo dele. Isso intrigou a polícia também.”

Já Israel, segundo a polícia, fez o trajeto por terra. “Começamos a realizar diligências em parceria com o Deic e conseguimos saber o paradeiro do Israel. Confirmamos que ele já estava em São Paulo. E conseguimos também imagens de câmeras de segurança de um posto de combustíveis, de uma conveniência, que mostram ele fazendo algumas compras, abastecendo o carro”, disse Othon.

Com base nessas informações, a polícia chegou ao endereço. “A partir desses indícios, a gente foi montando esse quebra-cabeças até chegar mais ou menos em um perímetro geográfico que a gente imaginava que seria a casa onde eles estavam homiziados”, explicou. “Conseguimos identificar uma casa que estava para locar numa plataforma de aluguel de imóveis, que tinha os requisitos que a gente imaginava que eles pudessem ter usado. E, de fato, encontramos essa residência.” (RB)